Açúcar e etanol

Mudanças no cenário

Plinio Mário Nastari*

OS EFEITOS da crise financeira de 2008 ainda são perceptíveis em um bom pedaço do setor sucroalcooleiro brasileiro, mas os impactos causados por três anos consecutivos (2009 a 2011) de clima anormal começam a ser superados, pelo menos na região Centro-Sul, que deve representar, na safra 2013/14, cerca de 92% da moagem de cana do País. A região Norte-Nordeste ainda enfrenta o desafio de superar a grave seca que assola a região e que tem poupado, de forma moderada, apenas aqueles produtores que investiram e que dispõem de irrigação complementar ou de salvamento.

Ampliação da produção

Na safra 2013/14, a moagem de cana na região Centro-Sul deve aproximar-se da capacidade efetiva de moagem, com um índice de ocupação próximo a 97%, que vai depender do aproveitamento de tempo das usinas a ser determinado pelo clima durante a safra. Chama a atenção a queda acentuada no ritmo de expansão da capacidade de moagem – com poucos projetos novos e expansão de usinas já existentes entrando em operação em 2013 –, ao mesmo tempo em que existe a perspectiva de que outras usinas somem-se à lista das quarenta e uma que encerraram atividades desde 2008. Portanto, a capacidade efetiva de moagem ficará estagnada ou apresentará um crescimento modesto. O prazo de maturação de novos investimentos em moagem é de dois a três anos no mínimo, o que significa que, mesmo havendo potencial de crescimento da produção agrícola, a expansão da produção de produtos finais estará, nesse horizonte, comprometida pela limitação de capacidade de moagem.

No curto prazo, a principal questão é a possibilidade de recuperação de parte da demanda de etanol hidratado que foi perdida nos últimos quatro anos. Em setembro e outubro de 2009, a demanda de hidratado para uso combustível atingiu mais de 1,5 bilhão de litros por mês. Em 2012, a demanda mensal caiu para 820 milhões de litros e, nos primeiros três meses de 2013, para 810 milhões de litros por mês. Tendo em vista a expansão da frota *flex* desde 2009 – que, em 2013, já representa mais de 57% da frota total –, a demanda potencial de hidratado combustível ultrapassa 1,9 bilhão de litros. Portanto, uma ligeira recuperação de 300 milhões de litros por mês na demanda de hidratado, que pode ser gerada por um preço relativo ligeiramente mais compensador para o consumidor, pode ter o efeito de absorver cerca de 5,75 milhões de toneladas de açúcar no mercado combustível brasileiro. Isso faz com que possam ser significativamente alteradas as perspectivas de excedente mundial de 10,24 milhões de toneladas de açúcar, na safra 2012/13, e de 6,2 milhões de toneladas, na safra 2013/14 (previsões da DATAGRO, em maio de 2013).

Atenção nos custos

A área com maior potencial de redução de custos ao alcance da indústria é o aumento da produtividade agrícola, e, nesse aspecto, as perspectivas são alvissareiras. O atual estágio tecnológico já permite a geração de 7 mil litros de etanol por hectare (na forma de etanol ou açúcar), e, em pouco tempo, possivelmente até o final desta década, poderá ser possível atingir produtividades agroindustriais próximas a 12 mil litros por hectare. Segundo o CTC, Centro de Tecnologia Canavieira, espera-se chegar a algo entre 30 e 35 mil litros por hectare até 2035. São números impressionantes considerando que o etanol de milho garante uma produtividade média, atualmente, de 3,2 mil litros por hectare e que o seu potencial máximo é de 6,5 mil litros por hectare, além da menor vantagem em termos de balanço energético e redução na emissão de gases do efeito estufa. É importante que não haja perda de oportunidades.

Os desafios permanecem não apenas no aperfeiçoamento das operações agrícolas de plantio e colheita mecanizada, mas também no cumprimento de normas legais. A Lei da Balança, que limitou a 75 toneladas o peso bruto transportado (cana mais tara) por comboio, deve aumentar os custos de transporte da matéria-prima. A Lei do Caminhoneiro, que teve o efeito prático de reduzir entre 25% e 30% a frota rodante do País, exatamente no momento em que cresce a oferta de açúcar e etanol e, principalmente, de grãos, deve elevar, junto ao aumento do preço do diesel, o frete dos produtos finais.

Ao mesmo tempo em que as demandas por açúcar e etanol continuam em expansão no mundo, no curto prazo, a indústria enfrenta o terceiro ano consecutivo de superávit no mercado mundial. A pergunta é: por quanto tempo mais esse cenário vai se manter? O mercado brasileiro exige uma produção cada vez maior de etanol para atender o seu crescente mercado interno. As exportações de etanol retomam o crescimento. Simultaneamente, existe um real potencial de expansão da produção de açúcar na Índia, Europa, Tailândia e Austrália. Esse cenário complexo deverá afetar profundamente a maneira com a qual o setor sucroenergético irá operar a partir do próximo ano. ■

* Mestre e doutor em Economia agrícola e presidente da DATAGRO